



QUESTÕES DE IDENTIDADE E MEMÓRIA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

IDENTITY AND MEMORY ISSUES IN
INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Tassiane Santos*

RESUMO: Este trabalho visa apresentar as questões envolvendo identidade e memória por meio das narrativas escritas por mulheres negras. Para tanto, utilizaremos os contos Natalina Soledad e Maria do Rosário Imaculada dos Santos, pertencentes à coletânea intitulada *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, da autora Conceição Evaristo. A autora cunhou o termo “Escrevivência” para, assim, narrar as histórias que podem ser reconhecidas pelas mulheres negras como sendo as suas próprias. Nem sempre na literatura brasileira as personagens negras possuíam uma individualidade e muito menos uma identidade própria, sendo representadas apenas por estereótipos. Nos dois contos discutiremos sobre os processos que levaram à construção da identidade das duas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Memória. Literatura brasileira feminina. Conceição Evaristo.

ABSTRACT: This work aims to present issues concerning identity and memory through narratives written by Black women. For this purpose, we will use the tales Natalina Soledad and Maria do Rosário Imaculada dos Santos, that belong to a collection entitled *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, by author Conceição Evaristo. This author coined the term “Escrevivência” in order to narrate stories that Black women can recognize as their own. In Brazilian literature, Black female characters did not always have individuality, much less their own identity, seeing as they were represented only by stereotypes. In both stories we will discuss the processes that led to the construction of these two characters’ identities.

KEYWORD: Identity. Memory. Brazilian women’s literature. Conceição Evaristo.

*Mestrado em andamento em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: santostassi@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3738-6221>.

1 INTRODUÇÃO

Nascida em 1946, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Maria da Conceição Evaristo de Brito é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011)¹. Sua carreira na literatura iniciou-se em 1990 com a publicação de seu primeiro poema no *Cadernos Negros* (editora Quilombhoje). O primeiro romance de Conceição Evaristo foi *Ponciá Vicêncio*, publicado pela editora Mazza, em 2003. A coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* teve sua primeira publicação em 2011, pela editora Nandyala, e uma segunda edição em 2016, pela editora Malê.

A antologia de Conceição Evaristo traz treze contos sobre mulheres negras em formato de relato. Em entrevista para o *Leituras Brasileiras*, a autora discute sobre a proposta de criação do livro:

Só tive um livro que eu escrevi muito rápido que foi *Insubmissas lágrimas de mulheres* [...] até respondendo a uma provocação de uma pesquisadora que questiona ‘ah, então a vida das mulheres negras é só tristeza? E aí não tem final feliz?’ Então respondendo a Edileuza Penha eu resolvi escrever *Insubmissas lágrimas de mulheres* e crio, né? Essa antologia em que as mulheres passam sim por processos de dores, mas elas já estão depois contando o êxito. [...] elas já saíram da tormenta do sofrimento. (informação verbal)².

As histórias das mulheres nos contos se confundem com trajetórias de vida de mulheres negras fora do âmbito ficcional, pois, ainda que sejam narrativas individualizadas são experiências com um sentido coletivo. Conceição Evaristo cunhou o termo “Escrevivência” para dar sentido a esse processo de narrar uma

¹Informações extraídas do texto de Machado (2014, p. 244).

²Trecho de entrevista de Conceição Evaristo concedida ao *Leituras Brasileiras* em 5 de fevereiro de 2020.

história individual, porém que carrega em si as vivências de um grupo social. No ato de “escrever” a autora também se utiliza da sua própria experiência “para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres” (MACHADO; SOARES, 2017, p. 206). A escrevivência, para Machado e Soares (2017), coloca a autora no local de enunciar um “eu coletivo” (p. 207) e compartilhar a história do “nós”:

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. (MACHADO; SOARES, 2017, p. 206).

Na introdução da antologia, a autora descreve sobre alteridade, em fazer da voz do outro a sua voz e contar histórias que poderiam ser a sua própria ou de qualquer mulher negra na sociedade contemporânea:

[...] Da voz outra faço a minha, as histórias também. [...] E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, p. 7).

A representação assumida em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é a da mulher negra que é submetida a processos de dor e violência, quer sejam físicas quer psicológicas; as protagonistas dos contos passam por realidades reconhecíveis ainda que subjetivas. Ao contar as histórias dessas mulheres, Conceição Evaristo descreve-as em uma posição de sujeito da narrativa, algo que

nem sempre aconteceu na historiografia literária, como aponta Monteiro (2016, p. 1):

Essa representação da mulher negra na literatura ao longo da história foi feita com base nas construções dos escritores brancos, que integraram uma tripartição de algumas funções socialmente atribuídas as mulheres negras elaboradas pelo imaginário masculino euro descendente. (MONTEIRO, 2016, p. 1).

Em *Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira*, Conceição Evaristo (2005) discute sobre o modo de a mulher negra ser retratada na literatura com uma visão estereotipada e, por vezes, hipersexualizada com narrativas contadas por um viés eurocêntrico e masculino:

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial. (EVARISTO, 2005, p. 52).

A busca por uma representação ou uma autorrepresentação vem da vontade de autores e autoras negras se verem inseridos na literatura como sujeitos e protagonistas, não mais pela perspectiva do outro que por muitas vezes o coloca como objeto, mas contando por si próprios quem são em suas histórias:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na

sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Segundo Hall (2006, p. 38), a identidade é formada “ao longo do tempo” e não é algo já imposto desde o nascimento; toda identidade sofre por processos e construções ao longo do percurso de vida de uma pessoa e “permanece sempre incompleta”. Nos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* há a marcação das vozes femininas ecoando para falar de si e contar quem realmente são, deixando de lado os papéis sociais pré-estabelecidos de como uma mulher deve ser ou quem ela deve representar. Há um resgate feito pelas mulheres de sua própria identidade, quebrando paradigmas como o da mulher-serva ou o da mulher-mãe, impostos pelo outro para construir e formar outras e novas identidades.

A primeira marcação de identidade dentro dos contos são os títulos que levam os nomes das mulheres que terão suas histórias contadas. Além disso, em todos os treze contos o primeiro parágrafo repete o nome dessas personagens, seja em discurso direto ou indireto, reforçando a individualidade.

Neste trabalho, pretendemos abordar as questões de identidade e memória em dois contos: *Natalina Soledad* e *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*. Essas narrativas demonstram o poder do nome, da memória e do grupo social na construção identitária.

2 IDENTIDADE E O PODER DO NOME – NATALINA SOLEDAD

A busca por autonomia é uma luta constante das mulheres, principalmente as mulheres negras que, além do machismo, sofrem também com o racismo. Por

muito tempo, a mulher negra na literatura apareceu apenas como figura subalterna nas imagens da escrava, ama de leite, mucama, empregada doméstica, sendo ainda utilizada como parceira sexual mantida fora do casamento. Para muitas dessas personagens não eram atribuídos nomes pessoais ou sobrenomes, apenas alcunhas que indicavam a sua “serventia”. Para Bernardes; Debus; Santos (2018), no século XIX os personagens representados por negros cabiam apenas a “cena doméstica”, sem voz ou complexidade:

Em geral, nos textos do período em que escrevem os autores escolhidos, o século XIX, negros e negras eram personagens quase ausentes ou referidos ocasionalmente como parte da cena doméstica. Personagens mudos, desprovidos de uma caracterização que fosse além da referência racial, logo sem história ou profundidade. (BERNARDES; DEBUS; SANTOS, 2018, p. 124).

Só com a produção de autoras como Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo é que foi possível encontrar dentro da literatura brasileira a mulher negra sendo representada sem estereótipos racistas. A autorrepresentação foi extremamente importante para que as personagens ganhassem nome, identidade, complexidade e uma história só sua. Conforme Machado; Soares (2017, p. 205): “[...] ratificar a existência de autoras/es negras/os assume uma função compositiva na produção de subjetividade ao recuperar o protagonismo de narrativas próprias, o que concorre para o crescimento e desenvolvimento social e emocional da população negra.”

No segundo conto da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo, intitulado *Natalina Soledad*, conhecemos uma personagem que carrega a sua identidade como mulher no ato de se autoneoear. Sua individualidade sempre foi gritante, ainda que em um ambiente hostil a ela. A narrativa inicia-se com a interlocutora contando quem é Natalina Soledad e porque sua história é importante:

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter conseguido se autoneamar. Depois de petições e justificativas, ela conseguiu se desfazer do nome anterior, aquele do batismo e do registro, para conceber outro para si. (EVARISTO, 2016, p. 19).

A personagem começa sua trajetória com outra identidade, pois nascida mulher em uma família com seis filhos homens, sofreu com o pensamento machista do pai e abandono da mãe que lhe puseram um nome que fazia dela apenas uma coisa e não uma pessoa: *Troçoléia Malvina Silveira*. Sendo o sobrenome Silveira apenas uma marca de que ela ainda estava inserida naquela família, mas sem realmente pertencer a ela. A violência sofrida pela personagem-criança foi moldando e modificando seu processo de crescimento. Segundo Lima; Melo (2018), a personagem, antes de se entender no mundo já tinha o seu lugar negado, como se não pertencesse àquele seio familiar, ainda que ao crescer aparentasse ter a expressão parecida com o pai que a nomeara:

À menina foi negado, desde o início, o lugar de filha no espaço familiar, e ainda, um passo atrás, foi negado mesmo um lugar de humanidade, dado que foi equiparada a um troço, uma coisa. A escola a recebeu também com hostilidade [...] Caminhar no escuro, andar sem saber onde pisa, perdida num não-espaço. A menina foi posta num não-lugar. (LIMA; MELO, 2018, p. 307).

Com essa rejeição e as tentativas de fazer com que não tivesse um lugar, a menina, ainda Troçoléia, construía para si uma vida totalmente independente e autodidata, aprendendo os processos de se tornar mulher e os caminhos do aprendizado escolar antes que pudesse ir à escola: “Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos” (EVARISTO, 2016, p. 21). Quando percebeu que seu nome carregava uma identidade manchada pelo desprezo, ela passou a assumi-lo veementemente,

carregando dentro de si também a raiva contra seus familiares. Ao apropriar-se do nome de Troçoléia Malvina Silveira, a personagem conseguia ter controle sobre como ele poderia a afetar, sabendo que em algum momento poderia finalmente trocá-lo e ter sua nova identidade:

Tinha um único propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar, aquele que lhe haviam imposto. Pacientemente, a menina Silveirinha esperou. A moça Silveirinha esperou. A mulher Silveirinha esperou. (EVARISTO, 2016, p. 24).

Só aos trinta anos a mulher decide mudar definitivamente seu nome. Depois de completar os dezoito anos, em que legalmente já poderia mudá-lo, ela ainda esperou até o falecimento dos pais para que todo laço que ainda a mantinha presa àquela família fosse finalmente rompido e pudesse se tornar um ser individualizado, pois em sua nova identidade já não caberia mais qualquer relação anterior, inclusive de sobrenome. Em seu ato de se automear, Natalina Soledad, finalmente mostrava quem ela era:

Rejeitou também a incorporação do sobrenome familiar – Silveira – ao seu novo nome. E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. (EVARISTO, 2016, p. 25).

3 A PERDA DA IDENTIDADE – MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS

Em *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009), Conceição Evaristo pontua sobre a construção de uma literatura escrita por negros, pautando a subjetividade e vivência daqueles que sempre foram descritos na

literatura por outros olhos e mãos que não as suas próprias. A identidade negra era submetida a traços que não condiziam com a sua realidade, com seu eu verdadeiro por conta de uma representação racista feita por outros. O passado reverbera o presente, e as histórias do agora se ligam ao que anteriormente foi vivido:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 18).

O conto *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* carrega em si o passado ecoando no presente, quer seja o passado de seus antecessores, dos quais ela herda o sangue africano e, também, o seu passado individual, sua história de vida dolorosa e sua identidade forjada no processo entre o antes e o agora:

A história além de falar das perdas, também fala dos traumas vivenciados por uma menina, com identidade fragmentada, que nunca pôde se encaixar em nenhum lugar e tampouco se desvencilhar de seu passado de promessas de uma vida em que poderia ter sido feliz. (SOUZA, 2020, p. 74).

A narrativa se inicia na apresentação da personagem com a explicação de seu nome proveniente de nomes que indicavam o feminino da religião católica: “Esse nome de santa mulher foi invenção de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o ‘Maria’. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por ‘Santos’” (EVARISTO, 2016, p. 43).

De certa maneira, a personagem apresenta uma contrariedade com relação ao seu próprio nome, algo que a interlocutora afirma em outro trecho. Logo em seguida, a menção ao nome de Natalina Soledad remete à modificação ou ao desejo de mudança na sua identidade que a interlocutora imagina que a personagem de Maria do Rosário poderia querer também realizar:

[...] E quando, embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria. Tive vontade de contar a história de Natalina Soledad, mas, naquele momento, o meu prazer era o da escuta. Insistindo sempre que de imaculada nada tinha, Maria do Rosário, ainda fazendo troça, pediu licença à outra, a santa, e começou a narração de um pouco de sua vida. (EVARISTO, 2016, p. 44).

Seguindo a narrativa, temos o relato extremamente simbólico da personagem Maria do Rosário descrevendo como foi ter sido retirada de sua família ainda aos sete anos de idade e a cena de seu sequestro ainda estar totalmente na memória, mesmo ela já tendo chegado à vida adulta. Na inocência infantil a narradora tenta organizar os pensamentos e a justificativa de ter sido levada para longe por pessoas desconhecidas, imagens da cultura popular se misturam com o medo do desconhecido: “Em casa, não tínhamos medos de perigos reais e sim de imaginários. Mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam” (EVARISTO, 2016, p. 46). Só após se dar conta de que o trajeto não a levaria de volta para casa é que a personagem-menina ativa de seu inconsciente as memórias de medo de seu povo:

E foi preciso que passassem muitos dias e muitas noites de viagem, nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais. E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo, o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava. (EVARISTO, 2016, p. 46).

Segundo Gomes (2002, p. 39), a identidade negra é “uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos”, essa construção se dá entre um grupo étnico em sua relação com o outro ou no olhar para si:

[...] A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra. (GOMES, 2002, p. 39).

Apenas quando em contato com o “outro” é que Maria do Rosário consegue compreender a “gravidade da situação”, pois esse outro tão diferente de si e de sua família traz para ela lembranças de um passado do qual ela é descendente. Nessa relação com os “estrangeiros” a personagem nunca se viu em posição de parença não só como sujeito-individual, mas também como parte de um todo dentro dessa relação:

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p. 288).

Há uma dificuldade por parte de Maria do Rosário em encontrar no casal que a sequestrara o seu “grupo de referência”, pois não há nada nessas pessoas que estabeleça qualquer ligação. Mesmo após anos de convivência com os dois que a haviam roubado, ela jamais conseguiu se adaptar ou sentir que pertencia àquele lugar. A vontade de voltar para o seu local de origem também nos remete a travessia que muitos homens e mulheres escravizados ansiavam por ter, mesmo depois de décadas passadas em outro continente. A sensação de não pertencimento ecoará em toda a narrativa e influenciará na perda de identidade sofrida pela personagem.

Um dos primeiros elementos que provoca o distanciamento de seu grupo de referência é o nome, pois “Maria do Rosário” se torna elemento de não identificação, já que fora substituído pela alcunha de “menina”. O fato de ser apresentado em letra minúscula indica que ela era só mais uma menina ou qualquer menina, não um ser individualizado chamado por um nome próprio: “Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de ‘menina’” (EVARISTO, 2016, p. 47). Essa mudança na identificação não é à toa, já que foi um dos métodos utilizados durante o período escravocrata para causar o apagamento dos nomes verdadeiros dos negros africanos, ocorrendo muitas vezes a substituição por algum nome católico ou sobrenome português:

[...] o Império português montou toda uma estrutura burocrática para organizar os seus negócios, com a criação de registros documentais [...] Infelizmente, poucos deles relatam algo acerca das denominações utilizadas pelos cativos antes da sua captura. Durante o aprisionamento, a comercialização e a travessia do Atlântico, ocorre, na verdade, um processo de negação e apagamento do antigo nome. Havia uma carta régia que dizia que todos os escravos capturados, antes mesmo de serem embarcados, deveriam ser catequizados e batizados ainda em solo africano [...] Nesse batismo, os escravos somente recebiam essa marca, sem nenhuma imposição de nome. Somente na chegada ao Brasil, após ser batizado novamente por um padre, o cativo recebe um nome cristão. (PALMA; TRUZZI, 2012, p. 3).

Inicia-se o envolvimento da memória coletiva e ancestral na experiência de vida da personagem, assim entre o passado e o presente a trajetória de Maria do Rosário retoma todo o percurso de memória de seus antepassados durante o período de escravidão, primeiramente ao ser retirada de seu local de nascimento e daqueles com quem ela se identificava por serem da família e terem a igualdade na cor, em seguida o apagamento de seu nome. Para ela, o outro era o estrangeiro que trazia as novidades aparentemente tão distantes de sua realidade: “[...] Um jipe e casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens” (EVARISTO, 2016, p. 45).

Para Michael Pollak (1992, p. 201), os elementos que constituem a memória, primeiramente, são os acontecimentos individuais que dependem obviamente do percurso de vida de cada um. Esses acontecimentos podem se misturar e com os elementos que o autor chama de “vividos por tabela” ou “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Para esses, Pollak expõe que:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 201).

É notório que os acontecimentos da coletividade à qual Maria do Rosário pertence se encaixam no que ocorre com ela em seu relato. Essa fusão começa a transparecer na narrativa, visto que, mesmo devastada pela solidão, a personagem-menina encontra forças dentro de sua história, tentando lembrar-se de sua família e de tudo aquilo que vivera antes de ser sequestrada. Para aqueles

que a mantinham cativa a sua vida anterior e toda a construção já feita em sua personalidade não existiam, pois sua subjetividade fora eliminada:

A moça, que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. (EVARISTO, 2016, p. 47).

Esse processo de perda da vida anterior gerou na personagem uma vontade de resgatar o passado ao qual ela pertencia, pois tanto o lugar quanto as pessoas eram familiares a ela. É assim que encontra a vontade de contar para si as histórias de seu passado como uma medida para que isso jamais se perdesse, assim como os povos retirados de seus locais de origem faziam para relembrar seus antepassados na África:

Certamente, as poucas lembranças de que dispunha permitiu a Maria do Rosário reconstruí-las no devir de suas vivências “colando-as”, associando-as, redistribuindo-as com tantas outras imagens e ditos que cercam o imaginário popular. Sua vida era, pois, uma representação e uma imagem de uma história maior para as quais algumas de suas lembranças legitimavam alguma identificação – ser negra, ser tratada como objeto, ser levada à força, etc. são signos que remetem a uma ancestralidade, ainda que violenta, mas que dava algum significado à sua condição. (CARMO, 2019, p. 40).

Maria do Rosário torna-se sua própria interlocutora e começa a recontar partes de sua vida para não se esquecer de quem era: “Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente” (EVARISTO, 2016, p. 47). Nas palavras de Halbwachs (1990, p. 32): “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam”. No entanto, por mais que contasse para si a sua própria história, uma parte dela

foi se modificando e tornando-se diferente de acordo com a realidade que passava ao seu redor e com seu próprio crescimento biológico. As lembranças antes nítidas foram mudando conforme se adequava cada vez mais ao ambiente que não era seu:

Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades [...] (EVARISTO, 2016, p. 47-48).

A personagem passa por essa “deslembração” causando nela uma angústia e medo de perder aquilo de mais precioso que era a sua memória, na qual conseguia vivenciar a sua real identidade. De acordo com Halbwachs (1990), as lembranças de uma época ou situação podem ser resgatadas por um ou mais indivíduos que acrescentam ou retiram informações conforme se lembram de algo, mas a lembrança correta de como aconteceu o fato pode se perder:

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. [...] Trazem-nos algumas provas exatas de que tal acontecimento produziu-se, que ali estivemos presentes, que dele participamos ativamente. Entretanto essa cena nos permanece estranha, como se outra pessoa estivesse em nosso lugar. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

A narradora declara que, quando mais velha, as lembranças da época de seu sequestro se alteravam e se associavam com memórias de um passado distante em que seus antepassados sofreram ao serem tirados de sua terra natal: “A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-

menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa” (EVARISTO, 2016, p. 52).

A ideia de Maria do Rosário não era apenas manter a memória de sua família, mas também recuperar a sensação de ter seus iguais próximos. As lembranças dela jamais resgatariam ou seriam iguais ao que realmente aconteceu e por conta disso as imagens se modificavam conforme o tempo. De acordo com Rossi (2010, p. 24), “A memória (como bem sabia David Hume) sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”. Cada dia a mais a personagem se deslocava do seu tempo e perdia sua identidade, seu pensamento era de poder retornar e reenvocar seu passado na cidade de Flor de Mim para quem sabe, assim, resgatar parte de quem era:

Às vezes, fico pensando qual teria sido a causa maior da demora do meu regresso. Em dado momento de minha vida, ganhei autonomia, podia ir e vir. Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos. (EVARISTO, 2016, p. 51).

Sua trajetória de perda de identidade continua quando a personagem sai da fazenda, a qual foi confinada desde criança, e é levada para a casa de uma tia do casal que após a separação decide não querer mais a menina. Há, neste momento da narrativa, a indicação das mudanças de lugar que a levava cada vez mais longe de seu ponto inicial:

De Flor de Mim, lugarejo de vivência de minha primeira infância, fui para uma cidade chamada Alto dos Vales do Sul, levada pelo casal. Ali, a vida tinha um quê interiorano também. De Vales do Sul fui encaminhada para a Cidade de Frei Cardoso. Lá, encontrei um movimento intenso, assustador. (EVARISTO, 2016, p. 50).

Seu percurso lembra o caminho de seus antepassados que, vendidos por seus “donos”, precisavam passar de um local afastado, como a fazenda, para uma cidade trabalhar por vezes com as atividades domésticas ou como escravos de ganho³. Maria do Rosário é levada para a nova casa na cidade para trabalhar como empregada doméstica e lá aprende a fazer tarefas de casa transformando isso em um ofício cuja remuneração ela guardava para um objetivo, assim como os negros escravizados juntavam o que conseguiam para comprar a carta de alforria:

Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. [...] Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casa.s (EVARISTO, 2016, p. 50-51).

Ela sempre era tratada como inferior, em nenhum desses lugares a sua identidade era levada em consideração pelos outros e muito menos havia qualquer medida de afeto. Sua ligação com a família que a tirou de casa só começou a se romper com a chegada da certidão de nascimento, anos depois, como uma “liberação” de qualquer vínculo que ainda pudessem ter:

Nunca entendi, por exemplo, como recebi, um dia, o meu registro de nascimento. Tudo certo, constavam os nomes de meus pais. O documento chegou a mando da tal tia, parente do casal, que me roubou de minha família. Tive a impressão de que era vigiada, pois tudo se deu muito tempo depois de eu ter deixado a casa dessa senhora. (EVARISTO, 2016, p. 51, 52).

Mesmo após tantos anos e com parte da memória modificada pelo tempo, a personagem declara que “ia cumprindo um percurso que me encaminhava à

³“Os escravos de ganho eram mandados pelos seus senhores à rua, para executar as tarefas a que estavam obrigados, e no fim do dia tinham que entregar a seus proprietários uma determinada quantia por eles previamente estipulada.” SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 16, 1988, p. 108.

direção de volta” (EVARISTO, 2016, p. 52) e esse retorno, além de geográfico, também foi psicológico: “Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma, trinta e cinco anos depois.” (EVARISTO, 2016, p. 52). O passado doloroso da personagem, além dos dramas do presente, a assombravam, fazendo com que suas memórias se modificassem.

Para Rossi (2010, p. 35) é mais difícil “ressurgir de um passado que foi apagado” do que “lembrar de coisas esquecidas”. Houve uma tentativa de apagamento do passado de Maria do Rosário, daquilo que ela não conseguiu viver junto de sua família.

Até o momento do reencontro, a personagem tinha vergonha de relatar sua história como se de alguma maneira não reconhecesse quem realmente era: “Nunca tinha relatado minha história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus” (EVARISTO, 2016, p. 53). O resgate de sua identidade só veio por meio de uma história de desaparecimento contada por outra mulher, houve um reconhecimento de parentesco e pela dor. Maria do Rosário Imaculada dos Santos tornou-se novamente quem era ao escutar a voz de sua irmã mais nova. Os pedaços fragmentados de sua memória juntaram-se novamente:

Lá na frente, o corpo que imitava a voz de minha mãe, acintosamente, contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã, que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada, ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. [...] Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. **Reconhecemo-nos.** Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre. (EVARISTO, 2016, p. 54, grifo nosso).

Segundo Carmo (2019, p. 40), Maria do Rosário criara para si “estratégias subjetivas de memória” para conseguir sobreviver até que o reencontro e o

posterior retorno à sua cidade natal acontecessem, sua memória e sua certidão de nascimento recuperada depois de adulta eram os únicos elos de identidade que possuía e ao mesmo tempo em que lhe causavam dor, também lhe davam esperanças:

A história de Maria do Rosário expressa, sub-repticiamente, um jogo de forças culturais e econômicas complexas, pois a situação de vulnerabilidade na qual já se encontrava perdura até a idade adulta. Por essa razão, tenta encontrar formas de reconstruir sua subjetividade no trabalho e nos estudos, ainda que marcada pela sensação de ser vítima e culpada, ao mesmo tempo, por seu infortúnio. Maria do Rosário precisa, então, manter um feixe de lembranças e identificações acesas em constante reconstrução, para não perder sua identidade com os afetos familiares. (CARMO, 2019, p. 40).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do negro na literatura no século passado esteve atrelada principalmente a um modelo de estereótipos racistas escritos por autores brancos, colocando os personagens afrodescendentes sempre em posição inferior, subalternizada e sem identidade própria. Isso só mudou quando autores negros começaram a contar de seu próprio ponto de vista as narrativas que contemplavam histórias que muitas vezes se confundiam com as suas próprias.

A mulher negra, ao ser representada por outros na literatura, perdia sua subjetividade e tornava apenas objeto, seja de prazer do homem branco ou para servi-lo como empregada. Porém, quando as mulheres contam as suas histórias o enredo muda totalmente, colocando-se toda a individualidade e singularidade na narrativa:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (ALVES, 2010, p. 185).

A identidade da mulher negra é finalmente resgatada e compartilhada por aquelas que leem e se identificam com as dores, perdas, violências, alegrias e conquistas. Nos dois contos apresentados do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, a história das mulheres se dá pelo distanciamento da família. Em *Natalina Soledad*, a personagem ganha identidade e liberdade quando rompe os laços com os seus; já em *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, a narradora só consegue ter novamente a identificação quando retorna o contato com os parentes. Ainda que de maneira distinta, as duas buscam se autoafirmar, as trajetórias demonstram um profundo processo de reconhecimento.

A memória e a identidade negra estão “imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam à dinâmica do particular e do universal” (GOMES, 2002, p. 39). Há essa representação nas personagens de Conceição Evaristo que, entre as identidades perdidas e posteriormente recuperadas, possuem suas próprias memórias entrelaçadas com o contexto social ou cultural de seus antepassados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. **Revista da ABPN**, Guarulhos, n. 3, v.1, p. 181-189, nov. 2010-fev. 2011.

BERNARDES, Tatiana Valentim Mina; DEBUS, Eliane Santana Dias; SANTOS, Zâmbia Osório dos. A representação de mulheres negras na literatura Afro-brasileira: uma leitura de “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis e “Minha mãe”, de Luís Gama. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 47, p. 117-129, set.-dez. 2018.

CARMO, Bougleux Bonjardim da Silva. Reinscrições da memória, da violência e da experiência em *insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, n. 19, v. 9, p. 34-52, jul-dez. 2019.

DIAS, Rafaela Kelsen; LAGUARDIA, Adelaine. “Mulher”: o mapa de semelhanças e diferenças em *insubmissas lágrimas de mulheres*. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 23, n.1, p.12-21, jan.-jun. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 9, p. 38 - 47, dezembro de 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Ana Carla da Silva; MELO, Henrique Furtado de. Em nome da violência: uma leitura de Natalina Soledad, de Conceição Evaristo. **REVELL**, Campo Grande, v.3, n. 20, p. 298-313, dez. 2018.

MACHADO, Bárbara Araújo. "Escre(vivência)": a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan.-jun. 2014.

MONTEIRO, Liliane Nogueira. A representação da mulher negra na literatura brasileira. In: SIMPÓSIO LINGUAGENS E IDENTIDADES DA/NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL, 10, 2016, Rio Branco. **Anais eletrônicos do X Simpósio Linguagens e identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**. Rio Branco: UFAC, 2016, s/p. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/1010>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PALMA, Rogério da; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Renomear para recomeçar: lógicas onomásticas no pós-abolição. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18, 2012, Águas de Lindóia. **Anais eletrônicos do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Águas de Lindóia, 2012, p. 1-18. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1968>. Acesso em: 25 nov. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. Tradução Nilson Moulim. São Paulo: UNESP, 2010.

MAHFOUD, Miguel; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Halbwachs: Memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

MACHADO, Paula Sandrine; SOARES, Lissandra Vieira. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, São Paulo, vol. 17, n. 39, p. 203-219, mai.-ago. 2017.

SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 16, p. 108, 1988.

SOBRINHO, Simone Teodoro. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade**: estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: estudos literários PÓS-LIT, 2015. Belo Horizonte: UFMG, FALE, 2015.

SOUZA, Josane Silva. Representação e razão negra em Conceição Evaristo: Insubmissas lágrimas de mulheres. **REVELL**, Campo Grande, v.1, n. 24, p. 63-84, jan.-abr. 2020.

Recebido em: 26/04/2021

Aprovado em: 24/05/2021